

Garís de Belo Horizonte: quem são, como se percebem e como percebem o tratamento recebido pela população

Guilherme Ricoy Leão ¹
Wânia Maria de Araújo

RESUMO

Este trabalho integra parte da dissertação de mestrado intitulada “Os Garís na cidade de Belo Horizonte: uma questão de invisibilidade social?” e se propõe a apresentar a análise dos dados coletados na pesquisa de campo realizada junto aos Garís na cidade de Belo Horizonte em 2016. Tal investigação buscou identificar como o cotidiano profissional destes sujeitos é realizado, como se percebem, como são percebidos pela sociedade e se vivenciaram alguma situação de invisibilidade social. Os dados foram coletados por meio de entrevistas com os Garís no sentido de construir uma reflexão baseada na interpretação e análise desses relatos a partir do aporte teórico selecionado por meio de pesquisa bibliográfica. A pesquisa concluiu que, apesar de alguns conflitos pontuais entre os Garís e uma parcela da população, a invisibilidade social não se faz presente no cotidiano ocupacional deles.

Palavras-Chave: Garís. Invisibilidade Social. Coleta.

1 Introdução

O presente artigo apresenta a pesquisa de campo realizada para a dissertação intitulada “título da dissertação” que teve como objetivo central analisar a percepção dos Garís sobre si, a percepção da população sobre eles, em especial aquela população que os circunda no cotidiano de trabalho, identificar como é o cotidiano de sua ocupação e se enfrentam situações nas quais é possível verificar a presença da invisibilidade social.

Para tanto, foram coletados dados por meio de entrevistas² com Garís da regional Norte de Belo Horizonte. Entre os motivos encontrados para a escolha da Regional Norte, destacam-se os seguintes:

- por ser Regional da Administração Municipal de Belo Horizonte a mais nova, criada em 1985;
- por ser a única da cidade em que todos os serviços são oferecidos em um único espaço;
- pela dimensão territorial (34,32 Km²) que abriga 212.055 habitantes;
- pelo fato de ser formada por 48 bairros e vilas e possuir o maior número de domicílios do tipo conjunto habitacional para baixa renda;
- pelo valor ambiental da região tendo como barreiras físicas os córregos: Vilarinho, Bacuraus, Isidoro e Onça, 21 córregos, catalogadas 87 áreas de matas naturais, 85 praças e logradouros públicos, 12 canteiros centrais e cinco parques ecológicos³ (BELO HORIZONTE, s/d)⁴.

1 Mestrado pelo Centro Universitário UNA. E-mail: ricoybhbiologia@yahoo.com.br

2 Dados coletados entre os meses de setembro e novembro de 2016.

3 Conferir. Blog da SLU Regional Norte

4 Conferir também Blog da SLU Regional Norte.

Os dados coletados junto aos Garis foram analisados a partir das reflexões teóricas oriundas de pesquisa bibliográfica que foi apresentada na dissertação. Belo (2009); Costa (2004); Santos (2004) foram autores que constituíram o referencial teórico da questão da invisibilidade social. Além da questão da invisibilidade social abordou-se também questões afeitas aos profissionais que lidam com a limpeza, ao que se pode constatar que, mesmo diante da contribuição positiva que exercem na e para a sociedade, principalmente em relação ao meio ambiente, por vezes, eles não são reconhecidos socialmente como agentes importantes para as questões ambientais. Essas análises demonstram que os profissionais que lidam com a limpeza nem sempre são reconhecidos socialmente pelo trabalho que executam.

O que motivou a pesquisa foi a percepção de que atividades consideradas de baixo valor social poderiam ser desprezadas pelos cidadãos e também pelos próprios sujeitos dessas atividades, no caso os Garis que exercem um trabalho que é de coleta de lixo. À primeira vista, esta atividade ocupacional poderia expressar um status social baixo e ser desqualificado pelos próprios Garis.

2 Metodologia

A presente pesquisa foi do tipo descritiva e realizada a partir de uma abordagem qualitativa. Para alcançar respostas, as “pistas” que conduziram à questão central e ao objetivo da pesquisa se estruturaram na seguinte questão: como os Garis, profissionais importantes para a questão ambiental em qualquer cidade, se percebem e como consideram que são percebidos pela sociedade onde realizam suas atividades?

Em relação aos preceitos éticos, a pesquisa foi realizada de modo que houvesse liberdade ao entrevistado para discorrer sobre o assunto no sentido de obter informações sobre o tema. As entrevistas foram realizadas após aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa tendo sido observadas as Resoluções 466/2012 e 510/2016. Como técnicas de coleta de dados no campo, foram realizadas entrevistas abertas com roteiro de questões.

2.1 Análise dos Dados

Para analisar os dados de uma pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2001) e Bardin (2011), é preciso que o pesquisador considere as opiniões contidas na fala dos sujeitos envolvidos na pesquisa. É o tipo de pesquisa que trabalha com o universo de significados e de valores e exige do pesquisador habilidade para as ações de descrever, compreender e explicar as relações entre o global e o local em determinado fenômeno. Essa forma de pesquisa busca resultados os mais confiáveis possíveis. As informações coletadas por meio das entrevistas junto aos Garis foram organizadas a partir dos seguintes temas:

- Os Garis desta pesquisa: quem são?
- Percepção dos Garis sobre si e sua atividade ocupacional
- Percepção da população sobre os Garis

2.2 Os Garis desta Pesquisa: quem são?

Os sujeitos desta pesquisa são servidores públicos da Superintendência de Limpeza Urbana, os Garis, que trabalham na Regional Norte de Belo Horizonte e têm mais de 20 anos de atividade. A proposta de limitar a pesquisa com os servidores públicos e não com os trabalhadores terceirizados⁵ se deve ao fato de que os primeiros possuem, justamente, um tempo maior de trabalho como Gari. Os 14 Garis que atuam na Regional Norte começaram suas atividades como coletores de lixo em caminhões e, próximos à aposentadoria, realizam coleta domiciliar em vilas e favelas. Trata-se de um trabalho físico cansativo, porém, menos exaustivo do que a coleta nos bairros em que o lixo é depositado no caminhão e transportado ao aterro.

Outro ponto a destacar é a experiência que duas décadas proporcionaram a esses trabalhadores. Ocorreram mudanças na sociedade e os 20 anos de atividade geraram trajetórias de trabalho que tornaram possível experimentar novas formas de interação entre os colegas de trabalho, bem como estabelecer novas relações com a população da cidade. Nesses 20 anos, a população da cidade também pôde ter adquirido novas percepções em torno da atividade e também do próprio Gari.

Os Garis entrevistados são todos homens com faixa etária de 40 a 62 anos de idade sendo que a maioria já trabalhou em outras regionais administrativas de Belo Horizonte, percorrendo vários bairros e atendendo diferentes comunidades na cidade. Atualmente trabalham na Regional Norte atendendo, prioritariamente, as comunidades de vilas e favelas com a coleta do lixo onde o caminhão não consegue chegar. O tempo mínimo de trabalho entre os entrevistados é de 21 anos de atividade em horários que alternam o dia com a varrição e a coleta de caminhão noturna de 19h até às 5h da manhã.

2.3 Percepção dos Garis sobre si e sua atividade ocupacional

Uma demonstração da percepção que se tem sobre o indigente se faz pela ideia da indistinção: os indivíduos são considerados sujos porque remexem com o que há de mais rejeitado na sociedade. Da mesma forma é percebido o enfermo como aquele que contamina e espalha a doença, e também a prostituta que exerce a promiscuidade. Todos esses exemplos demonstram indivíduos marginalizados, como se não possuíssem nada de bom a oferecer a eles mesmos e nem a sociedade (CORBIN, 1987).

A insalubridade do trabalho de recolhimento do lixo também está relacionada ao fato de que os trabalhadores lidam com elementos que causam repulsa como ratos, baratas e vermes e também com o contato direto com material degradante como fezes e animais mortos. É um contexto que remete à ideia de rejeição à profissão (SANTOS, 2004).

Diante do reflexo negativo que o contato com o lixo pode produzir, seja com quem se relaciona com ele, seja diante daqueles que sentem aversão tanto ao lixo quanto a quem com eles se vincula profissionalmente, pode-se, a princípio, deduzir que é uma atividade percebida negativamente pelas pessoas que sentem aversão ao lixo e que não trabalham com o lixo. Diante dessa percepção objetivou-se procurar investigar, entre outras questões, como se deu o início em uma atividade ocupacional que poderia ser percebida negativamente.

⁵ Existem Garis que são terceirizados e não são funcionários públicos.

Os depoimentos recolhidos revelaram que os motivos que impulsionaram o início da atividade de Gari são:

- o desemprego e a falta de ocupação;
- o trabalho informal, “pegando bicos”;
- a falta de estabilidade profissional em outra atividade;
- indicação de amigos;
- por interesse próprio quando viam os Garis trabalhando (aqui o indício de uma escolha);
- já trabalhavam em empresas terceirizadas que coletavam lixo;
- a vida acabou os levando já que não tinha oportunidade e era o que havia de disponível na época e como não havia exigência escolar para ingressar na atividade, acabaram optando por exercer esse trabalho.

Não se pode afirmar que não houve escolha por parte de todos os Garis, pois pelos relatos observa-se que houve um misto de acontecimentos que os levaram a ser quem são e o que fazem hoje. A vida direciona indivíduos em um sentido que indica não haver uma escolha literal ou uma vontade definida para ser Gari. Pelo menos, para parte dos Garis entrevistados, os relatos indicam que não tiveram condições de prosseguir no estudo, seja pela dificuldade financeira ou pelo próprio interesse em seguir uma vida de trabalho sem compartilhá-la com o estudo.

Observou-se pelos relatos das entrevistas que há, inclusive, orgulho em exercer a profissão. Não que isso demonstre que ser Gari é uma profissão que pressupõe ausência de problemas, na verdade longe disso, mas o que ficou claro é que os Garis se sentem gratos pelas conquistas oriundas do trabalho: “Ah, meu trabalho [...] meu ganha pão né? como é que você não quer que eu seja feliz? Ainda mais hoje com essa crise que tá? (ENTREVISTADO 5)”

Vários comportamentos sociais são evidências de posturas etnocêntricas. Os estereótipos, em sua maioria, servem para alimentar posturas etnocêntricas, visto que inferiorizam os vários “outros” que não pertencem ao grupo do “eu” pois os “outros” são considerados sujeitos que se comportam de maneira não aceitável. Os estereótipos acabam por rotular indivíduos e grupos como inferiores o que pode ocorrer em relação aos Garis, que são enxergados por outros grupos da sociedade a partir de conhecimentos, juízos e valores etnocêntricos. Isso, na verdade, implica em desconhecimento do “outro”.

Considera-se, portanto, que o trabalhador Gari que lida diretamente com o lixo, ou aquele trabalhador de origem humilde ou ainda o indivíduo que executa qualquer atividade que pode não ser reconhecida socialmente, lhe é negado, muitas vezes o mínimo de autonomia para que ele fale de si mesmo. Esse trabalhador não reconhecido socialmente é então uma mera imagem sem voz, já que ele pode ser presente, seu trabalho é necessário, mas ele é uma imagem à qual não é dado o direito a fala. A sociedade pode até expressar posturas etnocêntricas em relação a eles, mas os próprios Garis não se percebem assim, demonstrando, inclusive, orgulho pela ocupação.

2.4 Percepção da população sobre os Garis

Esta pesquisa analisou como os Garis se percebem e como consideram que são percebidos desempenhando suas atividades ocupacionais. Esta pesquisa analisou também se a invisibilidade social,

que é o desaparecimento de um homem no meio de outros homens, um quadro existencial de quem não existe para o outro, pode ser vinculada aos Garis. Ou seja, buscou-se identificar a forma como a população percebe o Gari e se esta percepção é reveladora da invisibilidade social.

A invisibilidade social é demonstrada quando não se percebe o outro. Mesmo o indivíduo estando presente e mesmo que sua presença seja importante, ela é menosprezada pela indiferença e rejeição tonando o indivíduo e sua atividade sem valor. A invisibilidade é resultado de um processo histórico de longa duração, que remete ao isolamento dos indivíduos por divisão de classes, status, ou posição social. Pode configurar-se em violência simbólica fundada e mantida, por motivações sociais de status e posição social, de maneira mais ou menos consciente. A invisibilidade oprime os indivíduos de baixa posição social ou de classe pobre. Pode se apresentar como fato natural para alguns segmentos da sociedade tornando-se uma norma de comportamento social e cultural (COSTA, 2004).

Diante disso, a pesquisa pretendeu revelar se a questão da invisibilidade poderia se vincular aos Garis da Regional Norte de Belo Horizonte. Quando perguntado aos Garis como é o tratamento que recebem da população nas regiões onde atuaram no exercício da profissão e nas regiões onde atuam, todos relataram que são bem tratados pela maioria da população, mais precisamente nas regiões mais humildes como nas vilas e favelas e foram enfáticos quanto a isso.

Eles aplaude. Ficam satisfeito com o que a gente faz. Eles reconhece! (ENTREVISTADO 2)
Ah [...] reconhece, alguns reconhece.(pausa...pensando). Acho que a maioria reconhece sim, entendeu? reconhece! (ENTREVISTADO 1)

Os Garis procuram se comportar de maneira educada. De acordo com as entrevistas realizadas, eles relataram que costumam cumprimentar as pessoas, dar bom dia ou acenar positivamente com a cabeça, tentando manter uma relação amistosa com a população. Quando solicitam água são atendidos, na maioria das vezes; em alguns momentos, são recebidos com cafezinho e em outros até mesmo um bolo lhes é oferecido. A tentativa é de manter uma proximidade com uma postura amigável. Essa reciprocidade, segundo os entrevistados, é presente na rotina do trabalho. Este tipo de interação amigável acontece e aconteceu, mais comumente, em locais mais humildes, como nas vilas e favelas: “Ela trata a gente bem. (a população). Beemm.[...] Sempre tratou, nos bairro que a gente faz ai, sempre [...] é conhecido já, todo mundo já, para, conversa, me chama pra toma um café, eles gosta da gente (ENTREVISTADO 4).”

Há outro tipo de situação em que os Garis ganham presentes: no final do ano são recebidos por uma parte da população com “agrados” pela época do Natal. Também disseram que recebiam mais anteriormente e agora estão impedidos de pedir para a população, já que a orientação por parte do poder público é para evitar o recebimento de benefício inapropriado, pois isso é caracterizado como crime. Nem sempre há uma proximidade mais efetiva com a população atendida no final do ano. Mesmo com os presentes, o tempo é curto para se relacionarem com a população por meio de uma conversa, já que o trabalho não cessa. Houve alguns relatos contando que alguns moradores organizavam uma festa de final de ano para confraternizar com os Garis: “Quando é o fim do ano, eles dão um agrado. Chamam a gente e fala assim [...] dão um envelope, abre, e tem um dinheiro lá (ENTREVISTADO 2).”

A maioria dos entrevistados possui um sentimento de gratidão ao trabalho, pois foi através dele que conquistaram a independência financeira e o sustento cotidiano. Diante da população, os Garis

têm consciência que nem todos dão a eles um tratamento respeitoso e educado, mas entendem também que é mais por motivos particulares e que isso não se vincula ao fato de exercerem a profissão de Gari.

Mas tem que tá né? (*quando perguntado se ele era feliz no trabalho*) pra que ficar triste? Por que aqui que é o meu sustento, aqui que eu conquistei minhas coisas, tenho minhas coisas, tenho minha casinha que eu comprei com o dinheiro daqui. Então a gente tem que sentir né? (ENTREVISTADO 6).

Existe uma série de tarefas e atividades que somente indivíduos qualificados podem realizar visto ser necessário ter força física ou formação escolar. Outras ainda podem provocar repulsa ou medo na sua realização. É dessa maneira que o trabalho pode ser levado a uma discriminação e desvalorização de seus executantes que possuem contato direto com o que é dispensado ou ignorado como o contato com dejetos ou o lixo (SILVA, 1994).

Essa rejeição pode ser definida como indiferença, já que o trabalho do Gari é “sentido” justamente quando ele está ausente. Parece até que os lugares são limpos naturalmente, sem intervenção de ninguém. Não aparece a pessoa, nem o Gari, nem o varredor, nem a varredura, somente lugares varridos e limpos. Isso prova que o Gari é considerado somente quando se precisa dos seus serviços. Fora isso, os outros não o veem e não o reconhecem.

2.5 Forma de denominação do Gari pela população

Quanto ao tratamento recebido pela população atendida pela coleta do lixo, os Garis mencionaram que o substantivo de tratamento ou a forma com que eles gostam de serem chamados é justamente o nome pelo qual eles foram contratados: Gari. É um nome que tem história dentro da profissão. O nome “Gari” foi uma homenagem ao francês Pedro Aleixo Gary, que iniciou a profissionalização da prestação de serviços de limpeza urbana na cidade do Rio de Janeiro. Ele foi o primeiro a assinar um contrato de limpeza pública com o Ministério Imperial, organizando assim, a partir do dia 11 de outubro de 1876, a remoção de lixo das casas e praias do Rio de Janeiro.

Sobre este aspecto Belo (2009) assinala que o que se associa ao lixo é o indivíduo que com ele se relaciona, determinando, por exemplo, que a atividade dos Garis ou dos catadores de material reciclado é desvalorizada, desvalorizando-se também o trabalho e o trabalhador. Quem rejeita o lixo rejeita o cheiro, o uniforme, o corpo e também quem o coleta.

O modo como são denominados habitualmente pela população de uma forma geral é lixeiro – termo derivado da palavra lixo –. De acordo com os Garis, esta denominação soa como uma maneira de chamar a atenção deles no sentido de provocar, ou rebaixar, fazendo com que se sintam inferiorizados: “Me chama de coletor, tem uns que chama de lixeiro, eu não gosto. (ENTREVISTADO 4)”.

O cheiro desagradável produz uma marca, cria uma distinção, entranha no corpo e na alma e passa a fazer parte de sua essência. Um cheiro que não é do homem, mas resulta do seu trabalho. A percepção das pessoas está fixada em rejeição e repulsa ao lixo, e também ao indivíduo que com o lixo tem uma relação de trabalho. Essa percepção influencia e por vezes interfere nas relações sociais e na auto percepção do trabalhador (SANTOS, 2004).

Pode ser apenas uma “brincadeira de criança”, ou simplesmente uma denominação usual comum praticada por quem desconhece o verdadeiro nome do executor dessa atividade. Lixeiro ou “cheiroso” são palavras que vão além de um simples sentido vazio ou sem significados. Elas transcendem um sentido objetivo, e são compreendidas em contexto de valores negativos e de preconceitos instalados na sociedade. É aquela pessoa que mexe com o lixo, vive dele, é onde se situa o trabalhador no lixo, por isso ele é lixeiro. É aquele que trabalha em local mau cheiroso (BELO, 2009).

A forma como são denominados expressa a maneira como são tratados, chamá-los de Garis é a maneira, como disseram, mais correta, visto que a denominação de lixeiro é um indicativo de denominação pejorativa em relação à atividade de coletor de lixo. Chamá-los de lixeiros, significa para eles um tipo de provocação bem como de desconhecimento ou ignorância em relação à atividade que realizam. Apesar da maioria dos Garis perceber que esse tratamento é pejorativo, evitam o conflito (o que não significa que veem com indiferença) e buscam esclarecer a diferença entre lixeiro e coletor: “Lixeiro é quem faz lixo, coletor é quem coleta” (ENTREVISTADO 3).

Os Garis não se sentem rejeitados ou rebaixados pela atividade que exercem, se sentem reconhecidos pelo trabalho que realizam e exigem respeito quando são chamados de lixeiros, corrigindo e informando que são Garis ou Coletores. Não se impõem ostensivamente, mas não deixam de corrigir e ensinar como devem ser tratados.

2.6 Agressividade da população em relação ao Gari

Outro aspecto relacionado ao tratamento que o Gari recebe da população, aspecto esse que pode ser considerado negativo, diz respeito mais especificamente ao cidadão e seu estado emocional individualmente considerado. Esse cidadão se dirige ao Gari com alguma violência, mas essa violência não se relaciona à profissão de Gari nem ao profissional.

O cidadão pode achar ruim o serviço prestado pelo Gari, mas acontece, por vezes, que o serviço foi prestado de acordo com o praticado usualmente. Mas por uma insatisfação pessoal, o cidadão acaba por “descontar” no Gari, pessoa mais próxima ou simplesmente porque o considera como alguém sem importância. O Gari acaba indiretamente recebendo “agressões” das insatisfações do cidadão com outras situações e não necessariamente com a atividade do Gari.

A humilhação é sempre mais evidente naqueles que são mantidos à margem – seja ela econômica, social ou cultural – de maneira ainda evidente quando essas pessoas são relacionadas ao lixo como os catadores de material reciclável e os Garis. O lixo é repulsivo pelo desconforto que provoca nos sentidos e sempre foi indesejável pelo que representa. O indivíduo que trabalha com o lixo se torna estigmatizado, associado ao lixo. A repulsa é deslocada para aqueles que com o lixo trabalham ou estão próximos. Por isso se despreza a pessoa que ao lixo se vincula. Rejeita-se não somente o lixo, mas também são rejeitadas as pessoas que dependem daquele contexto e que ali obtêm sua sobrevivência também (SANTOS, 2004).

De acordo com as entrevistas, os desentendimentos entre os Garis e a população ocorreriam mesmo se eles estivessem sem o uniforme durante o trabalho. Esses desentendimentos podem ser provocados por uma cidade adensada, urbanizada, competitiva, que provoca estresse e irritação. Des-

sa maneira, os Garis entendem que os desentendimentos podem acontecer com qualquer um que vive nesse meio, num ciclo vicioso e ininterrupto, sem relação com o trabalho de coleta de lixo. É a geração da impaciência que causa violência crescente e que na maioria das vezes é demonstrada pela agressividade. Nesse caso, mesmo que o serviço seja bem prestado, a rua possa estar limpa e sem lixo, a irritabilidade do outro faz com que ele enxergue somente aspectos negativos do Gari e do seu trabalho. Nesses casos, os Garis dizem se tratar mais de um problema pessoal do indivíduo do que uma relação direta com o trabalhador Gari.

Ah, de vez em quando tem uns meio ignorante, mas você tem que relevar. Não pode bater de frente. Tem um colega que trabalhou lá [...] ele tava me contando, foi lá e falou com a dona de um negócio que tinha que abrir um portão pra ele pegar o lixo. A mulher tava num estresse, xingou ele todo. Ai ele falou: “Ah não [...] tá dona, tá bom dona, tem um bom dia pra senhora, e tal”. Quando ele voltou na outra vez ela foi e pediu desculpa pra ele. Falou: não [...] você me desculpa, aquele dia eu tava agitada.. [...] “Não, tem problema não.” Se ele fosse outra pessoa podia até responder: Olha, me xingou!. Mas ele tratou ela bem. É convivendo no dia a dia, que a gente aprende a tratar as pessoas bem [...] qualquer lugar [...] até você [...] aonde você vai, tem que tratar as pessoas bem. Se tratar ela mal, ela vai te responder mal (ENTREVISTADO 2).

É são coisinhas mínimas [...] coisas bobas Cê tem que saber levar eles também, entendeu□ (ENTREVISTADO 1)

Vale aqui ressaltar: chama a atenção a maneira sábia com que alguns desses profissionais se colocam diante dessa situação de destrato que o cidadão emite ao trabalhador. Responder à agressão ou à violência com violência parece não ser um comportamento adotado pelos Garis. Eles relevam ofensas e as tratam como indiferença, por vezes, com desprezo.

2.7 Tratamento diferenciado da população de acordo com os bairros e regiões da cidade

As diferenças estão presentes na sociedade de várias formas e em relação aos Garis o que eles relataram mostra que o tratamento também se diferencia em relação à localidade e/ou região da cidade que, segundo eles, se divide entre a “casa dos ricos” e os locais mais humildes. Nas regiões mais ricas da capital, segundo os Garis, os moradores ficam enclausurados, escondidos dentro de casa. O contato com eles é mínimo. Os ricos chegam de carro, abrem a garagem, entram, e dentro daqueles altos muros, portas e janelas fechadas não se percebe ninguém. E com ninguém não se pode relacionar e nem interagir. Escondidos estão e ocultos permanecem. O contato com o Gari fica limitado ao interfone caso necessitem pedir um copo de água. Quem pede pode, no mínimo, ser recebido pelo empregado ou empregada. O dono, na maioria das vezes, mesmo estando em casa, não aparece.

Nessas regiões, definidas por eles como “mais nobres”, houve falta de relacionamento entre os Garis e a população. O tipo de tratamento se dá dependendo da rota que realizam. Durante as entrevistas houve comentários que nos lugares “de ricos” não há uma relação próxima com os Garis. O que ficou caracterizado quanto ao tratamento dado pela população foi justamente a divisão entre “os ricos lá” e os mais “humilde da favela”.

Não há atendimento a eles, segundo os Garis, caso se comuniquem pelo interfone por exemplo, solicitando alguma ajuda. Menos ainda ocorre de maneira espontânea o oferecimento de qualquer

auxílio. Mesmo se um Gari aparenta a necessidade de tomar um pouco de água, a sede aperta e ninguém oferece água e tampouco há a intenção de oferecer um cafezinho como acontece em regiões mais humildes como vilas e favelas. Ou seja, não há nenhum tipo de relação e para os Garis a falta dessa relação é algo negativo.

É, aqui eu num deparei nessa situação não, mas lá, eu no [...] no Gutierrez, Grajaú, e [...]. Buritis esses bairros mais coisa lá, até água eles negava a gente, (silêncio) até água, às vezes [...] é [...] tem lugar que a pessoa mais humilde era que mais bem recebido por incrível que pareça o pessoal de, do poder aquisitivo melhor não, a gente não era tão bem tratado assim não. É, desde dessa época a gente sempre foi mais bem tratado lá, na vilas e favelas. (ENTREVISTADO 3).

Nesse aspecto, nota-se que há indivíduos que se isolam dentro de suas casas e não interagem com as pessoas no ambiente externo e próximos aos seus domicílios, o que inclui os Garis que varrem sua rua e retiram o lixo da sua casa. Quando há a ausência do Gari aumentando assim o acúmulo de lixo isso causa incômodo aos moradores, que nessa condição, sentem a falta dos Garis.

Cabe ressaltar que, do mesmo modo que os Garis se mostram tranquilos em relação à questão do uniforme, ocorre algo semelhante diante dos pequenos e esporádicos acontecimentos negativos durante a atividade. Alguma discussão com um morador por causa do lixo deixado pra trás, algum desentendimento com o colega ou ainda por alguém incomodado por qualquer outro problema pessoal, que acaba por atingir os Garis, são, muitas das vezes, de maneira prudente, postos em segundo plano de modo que essas atitudes podem não atrapalhar o dia de trabalho além do cumprimento da meta do lixo coletado naquela região e a manutenção da limpeza da localidade obedecendo também às regras e a hierarquia no trabalho.

3 Considerações finais

A presente pesquisa foi realizada com os Garis da Regional Norte de Belo Horizonte que trabalham há pelo menos 20 anos em diferentes regiões da cidade e atendendo a diferentes classes sociais. Durante o período de exercício da atividade de Gari, puderam perceber e enunciar que há uma diferença no tratamento direcionado a eles dependendo da região da cidade onde realizam as suas atividades. Segundo eles, os tratamentos dispensados aos Garis são diferentes entre as regiões mais ricas da capital e os locais de poder aquisitivo mais baixo, como nas vilas e favelas.

A pesquisa procurou identificar como os Garis de Belo Horizonte se percebem, como consideram que são percebidos pela população e se o quadro da invisibilidade social estaria vinculado a eles. De acordo com os Garis, eles não se veem rebaixados ou humilhados como foi discutido na pesquisa de Costa (2004), a rejeição não foi apontada por eles. Existem alguns desentendimentos ocasionais entre eles e a população, mas os Garis não vincularam tais fatos ao exercício da profissão. Tais fatos se enquadram mais aos conflitos sociais existentes que se relacionam entre indivíduos de grupos diferentes e não entre o cidadão e o profissional, nesse caso o Gari. Assim eles leem tais conflitos e desconhecem o fato de que o cidadão comum não se relaciona desta forma com profissionais que ocupam posições de destaque na hierarquia social como médicos, advogados, dentistas entre outros. Ou seja, o destrato não é considerado como tal porque ocupam posição subalterna na hierarquia social, mas lido

pelos Garis como “stress”, “nervosismo”. Eles mesmos não mencionam a questão da invisibilidade e dizem não se sentirem rejeitados e/ou invisíveis. Apesar de perceberem que quando são denominados como lixeiros, isso revela um desconhecimento sobre sua profissão, pois como disseram, não produzem lixo, por isso não são lixeiros e sim coletores de lixo.

O uniforme não provoca humilhação ou os faz se sentirem subalternos. Os Garis mencionam que é só um uniforme e que não tem uma representação negativa. O uso dele não expressa rebaixamento social. Eles disseram, inclusive, do orgulho desse trabalho que os possibilitou conseguir e construir tudo o que possuem hoje, como a casa e outros bens. Talvez, a baixa escolaridade e a posição social que ocupam na sociedade pode fazer com que se sintam inferiorizados, mas independente da atividade que um indivíduo exerce, ele deve ser valorizado e reconhecido pela importância de sua atividade para a sociedade e pela sobrevivência que ela lhe garante.

Não é o trabalho que lhes causa a humilhação de serem Garis, na realidade esse conceito não está presente no cotidiano deles. De acordo com os relatos obtidos através das entrevistas, a vida já foi mais penosa, alguns mencionaram que já passaram necessidade por falta de abrigo e até fome e que agora sentem gratidão pelo que conseguiram construir. Os relatos dos Garis chamam a atenção quando discursam com orgulho sobre o trabalho que realizam. Os Garis relataram satisfação quando o trabalho é bem feito, a alegria das piadas, brincadeiras entre eles e a descontração durante a atividade, o descanso após a jornada e o encontro com a família no final do dia.

A forma com que alguns se relacionam com os cidadãos menos receptivos, demonstra uma maturidade e é nesse sentido que o lado pessoal fala mais alto que o profissional, pois aprenderam a se relacionar com as pessoas de maneira amistosa, evitando conflitos e desentendimentos com a população.

Street cleaners from Belo Horizonte:
who they are, how they perceive themselves and how they perceive the
treatment received by the population

ABSTRACT

This paper integrates part of the master's thesis entitled "Os garis na cidade de Belo Horizonte: uma questão de invisibilidade social?" And proposes to present the analysis of the data collected in the field research carried out with the street cleaners in the city of Belo Horizonte in 2016. This research sought to identify how the daily life of these subjects is realized, how they perceive, how they are perceived by society and if they experienced any situation of social invisibility. The data were collected through interviews with street cleaners in order to construct a reflection based on the interpretation and analysis of these reports based on the theoretical contribution selected through bibliographic research. The research concluded that, despite some occasional conflicts between the street cleaners and a portion of the population, social invisibility is not present in their occupational daily life.

Keywords: Street Cleaners. Social Invisibility. Collect.

REFERÊNCIAS

BELO, Eliana Fátima. **Qualidade de vida no trabalho dos garis da área central de Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado Administração) Faculdades Integradas de Pedro Leopoldo, 2009.

BELO HORIZONTE. **Regional Norte**. Disponível em <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?app=regionalnorte>> Acesso em 23 dez. 2016

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CORBIN, Alain. **Saberes e odores: o asfalto e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COSTA, Fernando Braga da. **Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garis**. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas. Tese (Doutorado em Psicologia) Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes: 2001.

O GARI. **Superintendência de Limpeza Urbana**, 2015. Disponível em <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=slu&lang=pt_BR&pg=5600....> Acesso em: 03 abr. 2016

SANTOS, Marcelo Cristiano de Oliveira. **Apropriando-se do trabalho: um estudo sobre a Atividade dos garis - coletores de lixo**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SILVA, Selligman E. **O desgaste mental no trabalho dominado**. São Paulo: Cortez, 1994.

BIOGRAFIA

Guilherme Ricoy Leão

Formado em Ciências Biológicas. Especialista em Avaliação de Impacto Ambiental pela PUC-Minas. Mestrado concluído pelo Centro Universitário UNA. Biólogo, gestor com experiência em educação ambiental e gestão de resíduos sólidos urbanos pela Fundação Estadual do Meio Ambiente - FEAM.